

PROCESSOS INTRASSEMIÓTICOS E REALIMENTAÇÃO INTERSEMIÓTICA DA DINÂMICA LÉXICA

MARIA APARECIDA BARBOSA

Universidade de São Paulo

Resumo:

Fazendo do modelo cibernético de sistema de significação proposto por C.T. Pais (1977, 11-20) o ponto de partida de suas considerações, a Autora apresenta um modelo teórico que compreende três submodelos: 1) o do tratamento dos dados, da produção da informação e da significação, dos percursos intrassemióticos, no sistema semiótico lingüístico; 2) o da dinâmica das estruturas léxicas e dos processos da neologia; 3) o das relações entre diferentes sistemas semióticos de uma mesma comunidade sócio-lingüístico-cultural, ou seja, dos percursos inter-semióticos, assim considerados nos limites de uma mesma macrossemiótica.

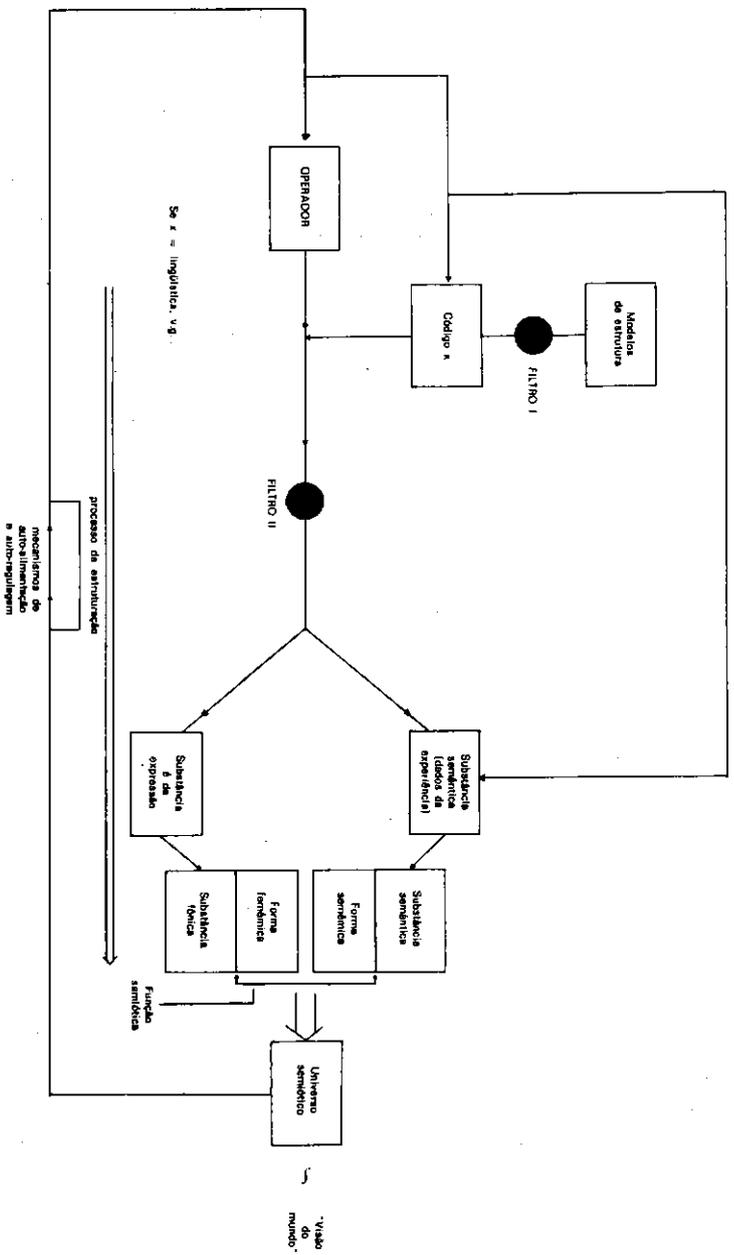
Résumé:

En se fondant sur le modèle cybernétique de système de signification proposé par C.T. Pais (1977, 11-20), l'Auteur présente un modèle théorique comprenant trois sous-modèles: a) un modèle du traitement des données, de la production de l'information et de la signification, et des parcours intra-sémiotiques à l'intérieur du système sémiotique linguistique; b) Un modèle du dynamisme des structures lexicales, de la créativité lexicale et des processus de la néologie; c) Un modèle des relations qui s'établissent entre des différents systèmes d'une même communauté socio-linguistique-culturelle, c'est-à-dire, considérés à l'intérieur d'une même macrosémiotique.

Se considerarmos os diferentes processos de criação do neologismo, as relações língua-sociedade-cultura e, ainda, o inter-relacionamento e a influência que exercem uns sobre os outros os diversos sistemas semióticos, verbais e não verbais, em operação numa mesma comunidade sócio-lingüístico-cultural, poderemos construir um modelo teórico, de tipo cibernético, que permita dar conta de vários aspectos da dinâmica intrassemiótica e inter-semiótica, como também examinar certas facetas do movimento dialético sistema semiótico/estruturas sócio-culturais.

A. DOS META-MODELOS CIBERNÉTICOS

Fundamentando-se nas oposições hjelmslevianas *forma/substância*, *expressão/conteúdo*, bem assim na concepção pós-hjelmsleviana de sistema de significação, estabelecida sobre a *função semiótica* e a *semiose*, Pais (1977, 11-20) propôs um modelo cibernético simples de sistema de significação, que busca explicar alguns dos mecanismos mais importantes da estruturação das substâncias de expressão e de conteúdo, do processo de geração das grandezas-signos e da subsequente estruturação de uma *visão do mundo*, num percurso intrasemiótico, que é caracterizado como provido de um mecanismo de *auto-alimentação* e *auto-regulagem*. Temos, pois:



Sistema semântico = { código x universo semântico }

Ora, parece-nos, tendo em vista os meta-modelos e os micro-modelos que discutimos, até aqui, que aquele modelo poderia ser enriquecido, sob diversos pontos de vista:

a) O sistema semiótico lingüístico não alimenta apenas a si mesmo; suas análises são re-utilizadas pelos sistemas modelizantes secundários;

b) Os dados antro-po-culturais não são tratados, de modo exclusivo, por um único código, mas o são, na realidade, e inevitavelmente, por vários códigos operando *em paralelo*;

c) Os dados antro-po-culturais tratados por outros códigos que não o lingüístico são por este *recuperados*, transformando-se, muitas vezes, em novas unidades léxicas;

d) Por essa razão, as estruturações lingüísticas não partem apenas do *continuum* amorfo mas podem tomar por base análises feitas, ou seja, tomar por substância a forma estruturada em outros códigos;

e) O mesmo se dá com os sistemas modelizantes secundários, em relação ao lingüístico;

f) Daí decorre que se estabeleçam, também, *percursos inter-semióticos*.

Do ângulo lingüístico, as mudanças estruturais do léxico ocorrem através de processos diversificados, dos mais simples aos mais complexos: a criação fonológica *ex-nihilo*, ou onomatopaica ou fono-estilística; a criação morfo-sintática, a criação sintagmática pela combinatória intra lexia, a sintagmática pela fusão de elementos morfológicos, pela constituição de lexias fixas a partir de combinatórias inicialmente livres; a semântica, pela ampliação do semema polissêmico, pela ruptura da isotopia, de maior ou menor intensidade, através das fronteiras das classes de equivalência semânticas e pela reconstrução da isotopia, pelo deslocamento semântico na ordem da arborescência semiológica, pela mudança da categoria do sema — de genérico a específico e vice-versa — que implica a reformulação das classes e subclasses; e, finalmente, o processo alogenético.

Do ponto de vista semiótico, como os códigos são, ao mesmo tempo, *filtros*, as necessidades de codificação, de tratamento e transmissão da informação somente podem ser satisfeitas pela operação conjunta de vá-

rios sistemas semióticos, verbais, de sistemas modelizantes primários e secundários. Dessa forma, o funcionamento de um código como o lingüístico somente pode ser compreendido dentro de uma perspectiva mais ampla, em que este submete a tratamento, como dados suscetíveis de análise sêmica, não só os fatos estruturados pelo lingüístico ou depreensíveis do *continuum* amorfo, mas também os recortes operados por outros códigos — o gestual, o do vestuário, o musical, o arquitetônico, etc. —, ao mesmo tempo em que fornece suas unidades para que sirvam de substância de outros códigos, de sistemas modelizantes secundários, como também os fornece à estruturação dos universos de discurso — o literário, o científico, por exemplo — e, por outro lado, recupera e reintegra no banco de memória dos falantes-ouvintes, em unidades léxicas, os resultados da análise desses códigos.

Tem-se, pois, um modelo de interação de código a código, numa relação recíproca e reversível, numa dinâmica complexa: os códigos dão conta dos referentes mas também *geram os referentes*.

A discussão de alguns dos aspectos desses processos extremamente complexos permite-nos, então, chegar à proposição de um modelo de tipo cibernético, em que se configurem os mecanismos de auto-alimentação e auto-regulagem, bem como os percursos inter-semióticos, que colocam em relação semioses intra-código e a transcodificação da informação, de um sistema semiótico para outro, como condição *sine qua non* de seu pleno desempenho, na comunidade sócio-lingüístico-cultural.

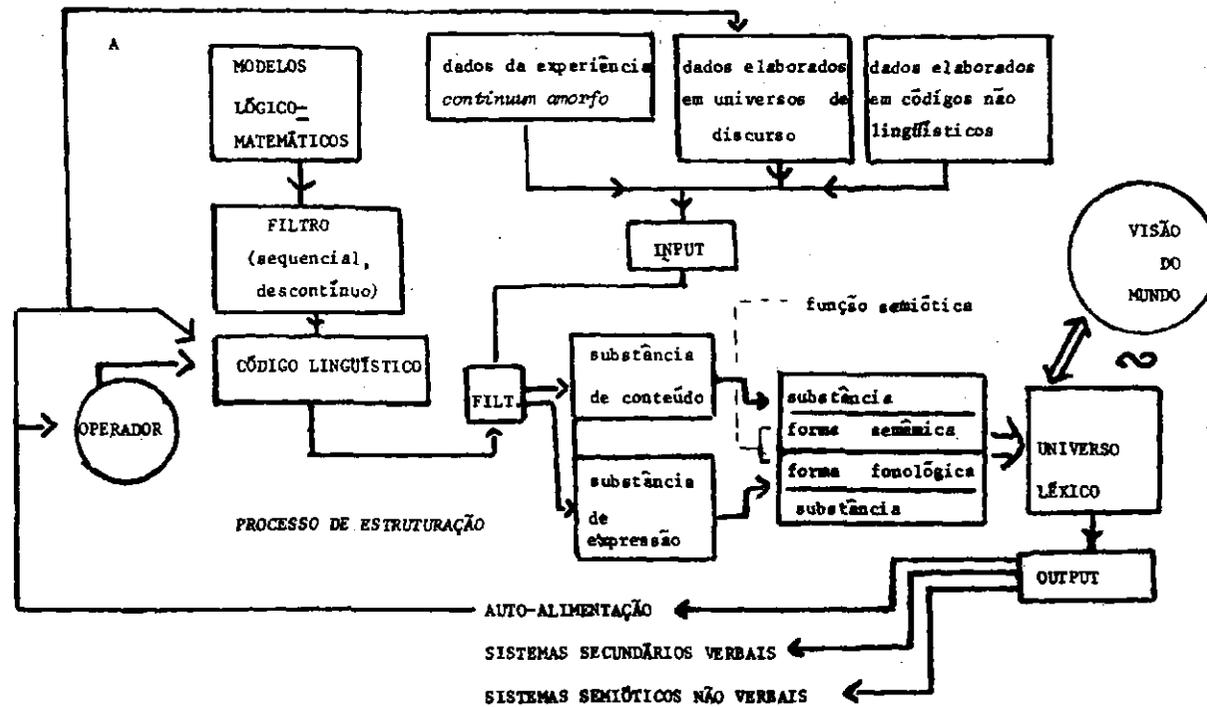
O modelo que apresentamos compreende três submodelos:

— o do tratamento dos dados, da produção de informação e de significação, dos percursos intrasemióticos, no sistema semiótico lingüístico;

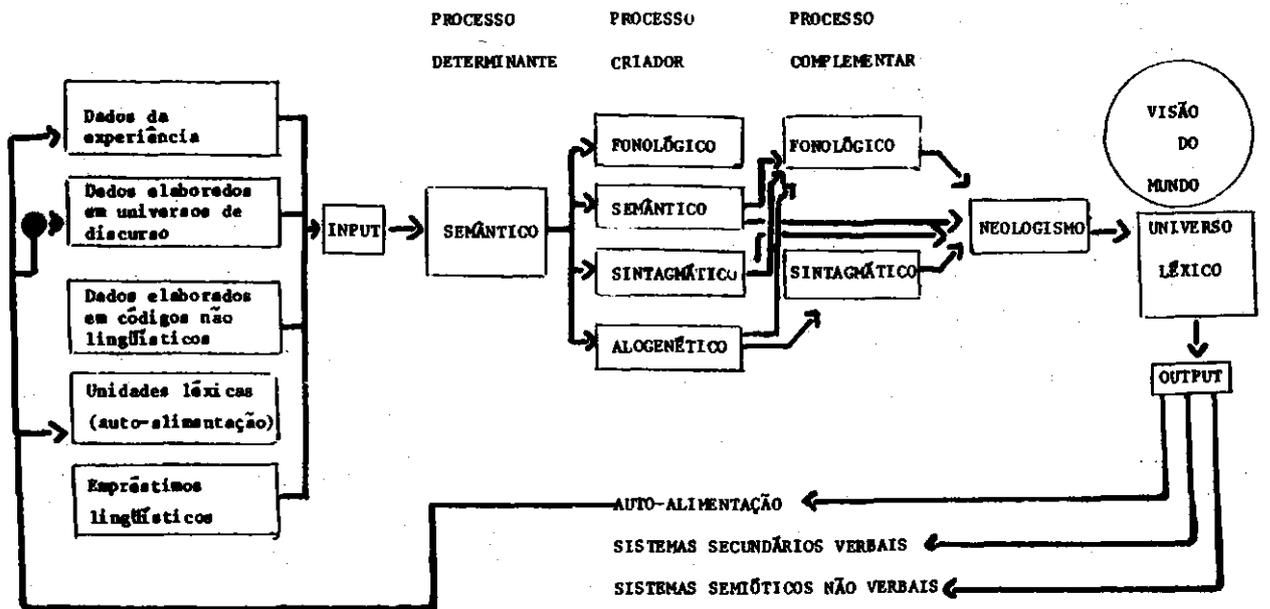
— o da dinâmica das estruturas léxicas e dos processos da neologia;

— o das relações entre diferentes sistemas semióticos de uma mesma comunidade sócio-lingüístico-cultural, ou seja, dos *percursos inter-semióticos*, assim considerados nos limites de uma mesma *macrossemiótica*.

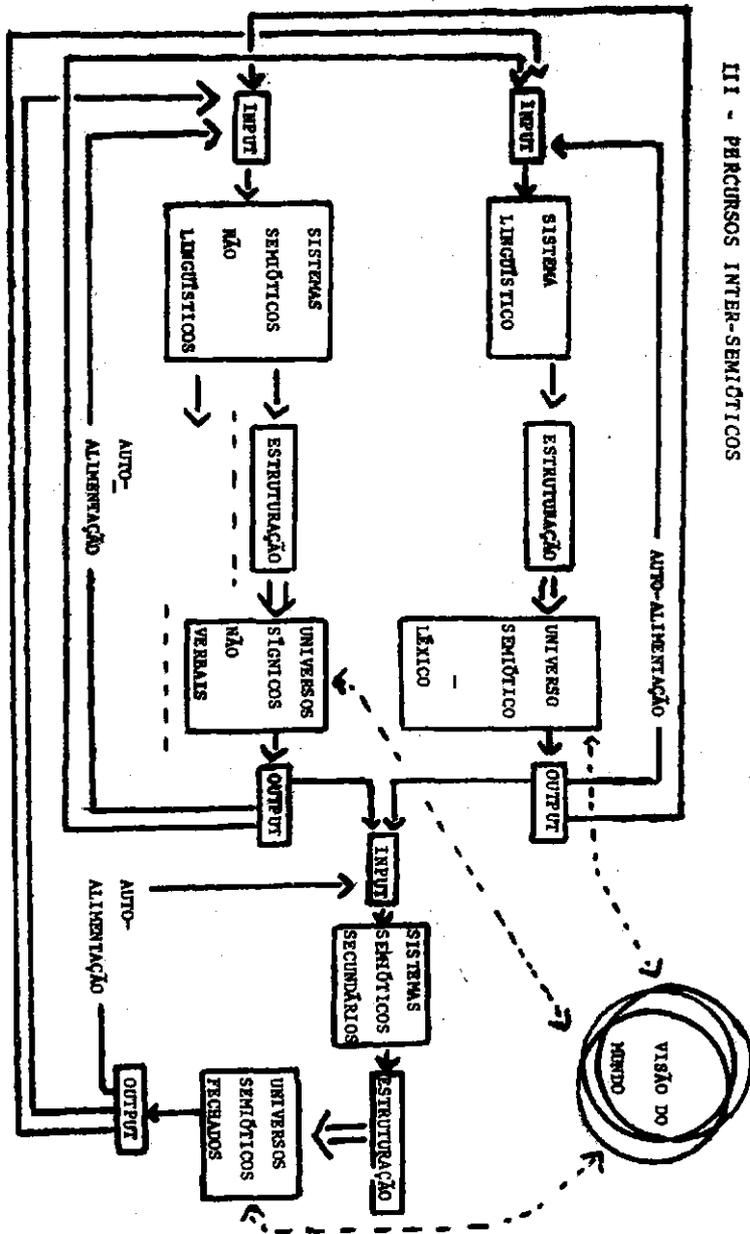
I - Modelo dos percursos intra-semióticos, no sistema semiótico linguístico



II - DINÂMICA DO LÉXICO



III - PERCURSOS INTER-SEMÍÓTICOS



B. DA MUTABILIDADE E DA PRODUTIVIDADE

Assim, os sistemas semióticos só podem existir e funcionar na medida em que se reformulam continuamente, para atender às novas necessidades de comunicação da comunidade sócio-lingüístico-cultural a que servem, ao mesmo tempo em que se conservam o suficiente para assegurar a intercompreensão dos sujeitos falantes-ouvintes, evitando-se a ruptura do processo de comunicação.

Por conseguinte, o universo léxico existe e funciona num processo pancrônico *lato sensu*, conservando alguns elementos e mudando outros, ou seja, numa permanente tensão dialética *conservação/mudança* (Cf. Pais, 1980, 52-54).

Essa tensão do sistema assegura, por outro lado, a produção e a *produtividade* do discurso, pois é em discurso que se produzem os novos recortes antro-po-culturais, as novas análises e são geradas as novas informações e as novas significações.

A conservação, no sistema, garante, como vimos, a intercompreensão dos sujeitos, que se dá, no discurso, em termos de *consenso*. A mutabilidade do sistema permite ao falante, em discurso, atender à *especificidade* na análise e transmissão da sua vivência (Cf. Pais, 1980, 54-56).

O discurso, pois, só é produtivo numa permanente tensão dialética *consenso/especificidade*, em que a segunda tendência permite satisfazer, dentro de certos limites, as necessidades do falante, no que se refere à análise de uma experiência pessoal, que se caracteriza pela sua particularidade; é a sua vivência específica que o falante deseja analisar e transmitir, e esse desejo o leva a emitir o discurso; a tendência do *consenso*, que lhe é contrária, faz que o falante traduza a sua experiência — em si mesma intransmissível — em termos que sejam comuns aos demais membros do grupo, embora o processo implique, como é óbvio, uma perda de informação. Trata-se, contudo, do único meio de que dispõe o sujeito falante-ouvinte para tornar a sua experiência compreensível, ao menos em parte, aos outros falantes-ouvintes.

As duas tensões dialéticas, a de sistema — *conservação/mudança* —

e a de discurso – *consenso/especificidade* – tornam o sistema dinâmico e o discurso produtivo, de tal forma que se estabelece uma terceira tensão dialética, a tensão *sistema/discurso*, que define o *processo semiótico* (Cf. Pais, 1980, 57-58).

O sistema, graças à sua dinâmica, permite que o discurso seja produtivo, no que diz respeito à análise da experiência, à informação e à significação. O discurso, por sua vez, na sua produtividade, gera novas funções semióticas, novas grandezas-signos, correspondentes a novos recortes, modificando as relações *designationes/designata*.

Essas novas análises e significações, descontadas as perdas por ruído na comunicação, são recuperadas pelo sistema, que as torna modelos para a produção de recortes, grandezas-signos e significações metasemióticas, em discursos subseqüentes.

Em resumo, poder-se-ia dizer que o sistema, resultante dos discursos anteriores, gera um discurso que muda o sistema.

As estruturas actanciais frásticas e transfrásticas e as transformações actanciais-actoriais que lhes correspondem, articuladas num único modelo, que vai da conceptualização de uma vivência qualquer até a sua codificação e manifestação em um discurso foneticamente realizado, permitem compreender os mecanismos que, através da *dinâmica de produção*, determinam os deslocamentos no plano do conteúdo e no plano da expressão – semêmicos e fonológicos –, por meio de combinatórias inesperadas, de não-norma, ou seja, resultantes do desconhecimento ou da desobediência da norma (das normas), em atualizações que se caracterizam pela baixíssima frequência, ou, se preferirmos, por uma esperança matemática próxima de zero. A reiteração de tais atualizações ou de outras em que se verificam semelhantes procedimentos, em contextos equivalentes, faz que a estruturação semêmica – o significado lingüístico – e a informação – antro-po-cultural – sejam recuperadas pelo sistema, isto é, integradas na competência lingüística as grandezas-signos e funções metasemióticas de língua, e, no universo antro-po-cultural dos falantes-ouvintes, os recortes conceptuais obtidos, tornando-se, então, estes e aquelas disponíveis no banco de memória dos membros da comunidade, como novas estruturas semêmicas, novas funções semióticas e novos modelos conceptuais, utilizáveis em atualizações e análises subseqüentes.

Dessa maneira, a dinâmica de produção e a *dinâmica do sistema*

passam a fazer parte, na verdade, de um processo mais complexo, em que se implicam mutuamente.

Com efeito, a modificação das estruturas léxicas, semêmicas, fonemáticas, sintagmáticas só pode dar-se em situação de discurso, no ato lingüístico; entretanto, ela ocorre segundo os modelos implícitos nas lexias e nas leis combinatórias efetivas. Trata-se, por conseguinte, de criatividade controlada, que obedece às virtualidades do sistema, sem ultrapassar-lhe jamais os limites.

Vê-se, pois, que a dinâmica de produção (do discurso) e a dinâmica do sistema só se tornam possíveis numa interação contínua.

Por outro lado, é a interação constante dos sistemas semióticos – entre eles, o lingüístico – e das estruturas sócio-culturais que assegura o pleno funcionamento de uns e de outras. Como se pode observar, cada falante-ouvinte, em seus atos lingüísticos, procura apenas dar conta de sua vivência particular, de suas necessidades imediatas de comunicação (especificidade); contudo, para que a comunicação passe, isto é para que a informação seja transmissível, submete o locutor a sua informação específica à filtragem do código, conformando-a, dessa maneira, aos significados e aos modelos do grupo (consenso).

Não existe informação senão codificada; a mudança das estruturas sócio-culturais, cuja existência é, em grande parte, lingüística, far-se-á, pois, simultaneamente e através da modificação das estruturas do código que as suporta, e no qual foram elaboradas.

Assim, na medida em que, como vimos, a dinâmica de produção do discurso só é compreensível em função das potencialidades do sistema, o funcionamento do código só é possível, se ele pode dar conta, continuamente, das novas análises antro-po-culturais, necessárias à vida social.

Por essa razão, a mutabilidade do sistema lingüístico e do sistema sócio cultural que suporta e reflete, é, em primeiro lugar, condição *sine qua non* de seu desempenho na vida da comunidade; ocorrem, portanto, as modificações simultaneamente, a cada ato de fala, numa situação de enunciação, num contexto lingüístico e extra-lingüístico determinados.

Esse complexo mecanismo de interação sócio-lingüístico-cultural conduz, assim, à neutralização da oposição sincronia/diacronia, exigindo-se conceba uma mutabilidade distinta da evolução do sistema.

O universo léxico é o lugar privilegiado dos movimentos dialéticos língua-sociedade, língua-cultura, e onde mais intensamente se verificam as mudanças, de vez que ele fornece os instrumentos de análise e, imediatamente, integra em si mesmo as novas análises, através do processo de *recuperação* da informação, no sentido que esse termo tem em informática.

Do ponto de vista lingüístico, as mudanças estruturais do léxico realizam-se através de processos diversificados, dos mais simples aos mais complexos; a criação fonológica *ex-nihilo*, ou onomatopaica, ou fonostilística; a criação morfo-sintática, a criação sintagmática, pela combinação intra-lexia e inter-sintagma, pela fusão de elementos morfológicos, pela constituição de lexias compostas, complexas e textuais, a partir de combinações inicialmente livres mas reiteradas continuamente; pela alteração da combinação sêmica prevista em língua, pela ampliação do semema polissêmico; pela ruptura da isotopia, de maior ou menor grau, através das fronteiras dos *topoi* e dos *macrotopoi* e pela reconstrução, noutra nível, da isotopia; pelo deslocamento semêmico na ordem parcial da arborecência semiológica (movimento intra-tópico), como, por exemplo, na metonímia; pela mudança da categoria do sema – de genérico a específico e vice-versa –, que implica a reformulação das relações entre classes e subclasses.

Do ponto de vista semiótico, como os códigos são, ao mesmo tempo, filtros, as necessidades de codificação, de tratamento e transmissão da informação da comunidade sócio-lingüístico-cultural só podem ser satisfatoriamente atendidas pela operação simultânea de vários sistemas semióticos, verbais e não verbais, de sistemas modelizantes primários e secundários. Dessa forma, o funcionamento de um código como o lingüístico deve ser compreendido dentro de uma perspectiva semiótica mais ampla, em que aquele submete a tratamento, como dados suscetíveis de análise, não somente os obtidos diretamente do *continuum* amorfo mas também os modelos resultantes dos recortes realizados por outros códigos – o gestual, o do vestuário, o arquitetônico, o pictórico, o musical, etc. –, ao mesmo tempo em que oferece seus próprios modelos e estruturas como substância de outros códigos, de sistemas modelizantes secundários, ou de universos de discurso, como, por exemplo, o literário, o científico,

reintegrando-os no banco de memória dos falantes, em termos de unidades léxicas, muitos resultados de análise desses códigos.

Resulta, por conseguinte, um modelo de interação de código a código, numa relação forma-substância recíproca e reversível numa dinâmica complexa; os códigos dão conta dos referentes mas também “geram os referentes”.

O estudo, em nossas pesquisas, de alguns aspectos desse processo levou-nos, então, a propor um modelo de tipo cibernético que pudesse dar conta dos percursos intra e inter-semióticos e que definisse também as relações entre as semioses intra-código e a “traductibilidade” da informação, de um sistema semiótico para outro, como condição de seu pleno desempenho numa comunidade sócio-lingüístico-cultural.

Verifica-se, assim, que a polissemia é de regra, que a monossemia é exceção, possível apenas em universos de discurso herméticos; que a polissemia não constitui perda de competência ou redução do desempenho, tolerada por um sistema de vocação monossêmica, mas que, muito ao contrário, é, como instrumento neutralizador da tensão consenso/especificidade, um mecanismo essencial para a própria viabilidade do ato lingüístico; desse modo, a mutabilidade léxica não é um epifenômeno, marginal ao sistema, mas uma de suas características fundamentais, de vez que assume o estatuto de *condição de uso* do código lingüístico.

